



## Apresentação

### Literatura, tecnologias e transmidialidade

O desenvolvimento tecnológico do século XX e do início do século XXI enseja, a cada dia, novas práticas discursivas, nas quais se hibridizam linguagens e suportes de diferentes esferas. Códigos múltiplos das modalidades visual, auditiva e cinética misturam-se e ressignificam-se no papel, na tela, na performance, na instalação. A noção de texto se expande, ganha as múltiplas dimensões que o pós-estruturalismo francês lhe emprestou e se liberta de uma racionalidade linear e estática (*gramática*, como adjetivo) para devir *paragramática*: texto enquanto subversão, multidirecionalidade, abertura, polifonia e poliglossia; barafunda semiótica, enfim.

A reboque desse processo, o entendimento do literário também se complexifica, pois tem de lidar com gêneros que nascem da f(r)icção entre arte, tecnologia e mídia e com a alteração nos regimes de produção, circulação e recepção de gêneros mais tradicionais, como o romance, o conto e o poema, atravessados hoje por fluxos digitais. *Fanfiction*, postagens literárias em redes sociais, mixagem entre romance e telenovela, sintaxe fílmica em contos, poemas gerados por análise combinatória de elementos de um banco de dados: aporias da literatura em uma sociedade digitalizada, desafiando análises do plano da expressão e do plano do conteúdo, ou mesmo rompendo com essas categorias para reinventar os dispositivos teóricos da Teoria Literária.

No rastro do que a ambiguidade da *tekhné* grega lançava – arte, técnica, tecnologia –, investiga-se neste número do periódico *Polifonia* a literatura como tecnopoética, em que diferentes sistemas semióticos e dispositivos midiático-digitais convergem para múltiplas experiências estéticas. Sendo assim, lançamos para este volume uma chamada de trabalhos que discutissem, entre outras questões, cyberliteratura, programação como atividade estética, relações entre literatura e *mass media*, difusão e promoção de literatura por meio digital, emprego das TIC para ensino da literatura, práticas de leitura em suporte digital, interação leitor-autor-texto mediada por novas tecnologias, ferramentas digitais de autoria.

A fim de apresentar em termos epistemológicos as possíveis aproximações entre áreas como Ciência da Computação e Letras, é destaque neste volume a entrevista com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clarisse Sieckenius de Souza, líder do grupo de pesquisa SERG (Semiotic Engineering Research Group), na PUC-RJ. Pesquisadora com formação acadêmica e atuação científico-profissional amplamente transdisciplinares, Clarisse compartilhou conosco um pouco de sua brilhante trajetória entre as áreas de Letras e Computação,



além de pontuar aspectos em que o diálogo entre esses campos do saber se torna mais intenso e como cada uma dessas áreas pode se beneficiar de tal interdisciplinaridade em termos de produção do conhecimento. A entrevista avança, então, para um ponto fulcral do debate literário neste volume do *Polifonia*: como a Engenharia Semiótica – teoria e prática da Interação Humano-Computador (IHC) sob um paradigma comunicacional – pode contribuir para a discussão da *cyber-arte*.

Além da entrevista, este volume do periódico *Polifonia* é composto de 16 artigos, dos quais 11 integram o dossiê “Literatura, tecnologias e transmidialidade” e 5 formam a seção “Outros Lugares”. Dada a riqueza e diversidade de artigos submetidos para o dossiê, optamos por agrupá-los em três grandes eixos, a fim de fomentar diálogos a partir de suas aproximações e contrastes: **Cyberarte e textualidades digitais; Adaptações e traduções intersemióticas, e Fic(xa)ções midiáticas.**

O primeiro eixo do dossiê, **Cyberarte e textualidades digitais**, contempla artigos que versam sobre textos já nascidos em suporte digital, sendo este definidor dos limites e potências a que o discurso pode se prestar. O artigo “O Palavrador e a relação humano-máquina, a partir do conceito de hábito merleau-pontiano”, de Otávio Guimarães Tavares, abre o dossiê analisando a obra de arte literária computacional *Palavrador Open Book 2.0*, à luz do conceito fenomenológico de hábito, discutindo a experiência corpórea da obra de arte digital em um possível entrelaçamento entre humano e máquina fundado sobre a ação e o artifício. Nesse processo, o autor do artigo nos aponta a possibilidade de o usuário-leitor do *Palavrador* se tornar não só coautor, mas cooperador, no sentido de “cooperar, coartefactualizar e comaquinizar, como uma artificialização do nosso agir pelos modos de operar do artefato. Esse modo de agir torna a nós, humanos, parte do aparato maquínico, do seu modo de funcionar, mas, ao mesmo tempo, é o modo da obra de arte se efetivar, de se constituir/concretizar, de se alterar, de darmos vida à obra”.

Também discutindo questões de movimento e interação na arte digital, temos o texto “A arte cinética de Arnaldo Antunes: uma odisseia no ciberespaço”, de Verônica Daniel Kobs. Nesse artigo, a autora analisa como a rapidez, o hibridismo e a multiplicidade semiótica do mundo contemporâneo são estetizados, em termos de forma e conteúdo, nas obras cinéticas de Arnaldo Antunes, abrangendo arte digital, artes plásticas e arte videográfica. Por meio do tratamento artístico da cinesia, “Arnaldo Antunes usou a tecnologia para fazer mudanças que permitem que sua obra se alinhe às novas linguagens e tendências. Sendo assim, sua odisseia se renova, porque faz uso de um novo tipo de espaço, virtual, cibernético, característico do mundo contemporâneo nos aspectos mais diversos: pessoal, profissional ou artístico”.

No que tange às discussões de movimento no ciberespaço, também comparece a contribuição do artigo “Reflexões sobre o hipertexto fora e dentro do meio digital”, de Tereza Virginia de Almeida e Isabela Melim Borges Sandoval. As autoras discutem a movência do leitor por meio de conexões hipertextuais, as quais já existiam em procedimentos de leitura na mídia impressa, mas se potencializam no universo digital. Nesse processo de leitura de textos e do mundo hiperconectado, relê-se também a noção



de sujeito, a fim de refletir sobre a emergência de um hipersujeito na contemporaneidade, afetado por estesias múltiplas e híbridas, as quais questionam a dicotomia entre corpo e espírito, letra e voz, significante e significado, que fundam as noções de sujeito e signo nas sociedades modernas.

Encerrando o eixo **Cyberarte e textualidades digitais**, o artigo “Autoficção em blogs: apontamentos”, de Bruno Lima Oliveira, discute a ficção em primeira pessoa no gênero postagem em blog, surgido no seio da web 2.0. Em seu texto, o pesquisador analisa, à luz de referencial teórico benjaminiano, um tipo de narrador que postula novas formas do autobiográfico e da representação (ou fabulação) da subjetividade. Para tanto, analisa dois blogs de uma mesma autora empírica: *Mistake Girl* e *Beetlejuice! Beetlejuice! Beetlejuice!!!*, nos quais a imagem de um eu autoral se constrói de modos radicalmente distintos, levando-nos a questionar como o *blog*, que a princípio seria uma evolução do gênero *diário*, reinventa a noção de narrativa íntima, em um mundo em que a própria intimidade precisa ser repensada.

O segundo eixo de nosso dossiê, **Adaptações e traduções intersemióticas**, congrega três artigos sobre obras literárias que, em algum momento de sua circulação nos sistemas sociais, foram adaptadas e relidas em outras mídias. No artigo “Cânone literário, tradução entre mídias e ensino de literaturas de língua inglesa”, Vanderlei J. Zacchi discute a tradução intersemiótica do literário para mídias eletrônicas e o impacto desse processo nas experiências de letramento digital e multicultural que o ensino de literaturas de língua inglesa pode proporcionar. Na perspectiva do autor, releituras de textos canônicos em novos suportes podem dialogar com a realidade do aluno, fazendo com que as obras se tornem mais do que objetos estéticos a serem cultuados em sala de aula. Para embasar tais postulações, o autor faz algumas proposições para o trabalho pedagógico com obras como o filme *Easy A*, releitura do romance norte-americano *The Scarlet Letter*, e *Tamara Drewe*, adaptação para quadrinhos e para o cinema do romance britânico *Far From the Madding Crowd*.

Também sobre o diálogo entre literatura e cinema versa o artigo em língua inglesa “*The Raven and the Intermediality*”, de Helciclever Barros da Silva Vitoriano e Andre Luís Gomes, no qual se discute o quanto os procedimentos adotados por Edgar Allan Poe, em *The Raven*, foram mais tarde apropriados pela teoria da montagem fílmica. A hipótese dos autores é a de que os mesmos pressupostos de unidade de efeito, duração e extensão, sobre os quais Poe teoriza no ensaio *The Philosophy of Composition*, estão presentes em gêneros do processo de elaboração de filmes, como o roteiro, o *making of* e o *storyboard*, os quais se destacam pelo caráter metatextual, caro ao ensaio de Poe.

Ainda sobre o trânsito entre página e tela fala o artigo “Intermedialidade na adaptação como processo em *Os famosos e os duendes da morte*: uma narrativa em movimento”, de Samantha Borges e André Soares Vieira. No entanto, se no primeiro texto deste eixo do dossiê as releituras cinematográficas foram produzidas anos depois do lançamento dos romances, aqui, o livro e o filme foram produzidos simultaneamente, influenciando-se em via de mão dupla. Tal procedimento leva os autores a empreender uma análise



dessas obras para defender que a adaptação deve ser entendida não sob a perspectiva de um produto, e sim de processo e movimento.

Tal apropriação de técnicas de construção e expedientes semióticos de outras mídias por parte da literatura impressa é o que define o terceiro eixo do dossiê temático: **Fic(xa)ções midiáticas**. O modo como a ficção e a poesia impressas absorvem e fixam a dicção do cinema e da pintura interessa aos quatro artigos deste eixo, o qual se contrapõe ao anterior, cujos textos indagavam fluxos que partiam do impresso para outras mídias.

O artigo “Entre o roteiro e o romance: *Miguel e os demônios*, de Lourenço Mutarelli”, escrito por Juliana Ciambra Rahe Bertin e Rosana Cristina Zanelatto Santos, abre o terceiro eixo do dossiê. As pesquisadoras analisam minuciosamente o texto do escritor paulista investigando como o romance incorpora formas da expressão de roteiros de cinema, amalgamando esses gêneros e construindo um narrador também híbrido.

Já em “Paródia à estética melodramática em *Melodrama*, de Luis Zapata”, redigido por Wanderlan da Silva Alves, o contrabando de expedientes narrativos se dá do gênero cinema melodramático para o romance, por meio de paródia que se volta para questões de identidade. Tematizando de maneira derrisória as estruturas sociais e as questões de gênero na América Latina, “Zapata dialoga com seus precursores da literatura hispano-americana, porém marca a diferença de seu projeto estético preocupado, de certo modo, com a abertura do discurso literário ao campo do homoerotismo”.

Ainda sobre a dicção do cinema apropriada pela literatura, temos “A técnica da montagem cinematográfica na poesia de Sérgio Rubens Sossélla”, escrito por Marcelo Fernando de Lima, Márcio Matiassi Cantarin e Rogério Caetano de Almeida. Os autores leem minuciosamente alguns poemas do escritor paranaense contemporâneo segundo a hipótese interpretativa de que tais textos se constroem por meio de procedimentos semelhantes aos da montagem cinematográfica, além de tematizarem frequentemente a sétima arte em termos de conteúdo. Nessa análise, imagens dos poemas são entendidas como fotogramas articulados de maneira a dar-lhes ritmo, movimento e som.

Encerrando o terceiro eixo (e o dossiê deste volume), temos o artigo “A presença de Salomé: transposição de arte e o mito literário no decadentismo”, de Andrio J. R. dos Santos e André Soares Vieira, UFSM. Os autores investigam a *ekphrasis* de duas pinturas de Gustave Moreau, *Salomé dansant devant Hérode* e *L'Apparition*, presentes no romance **Às avessas**, de Joris-Karl Huysmans. No bojo dessa discussão, os autores se aprofundam sobre as reapropriações do mito de Salomé no Decadentismo do século XIX, a fim de perscrutar as dimensões dessa estética finissecular e seus impactos nos diálogos interartes.

Após o dossiê **Literatura, tecnologias e transmidialidade**, este volume do periódico *Polifonia* apresenta uma rica seção **Outros Lugares**, congregando artigos de temáticas diversas, mas que podem ser de alguma maneira relacionados ao dossiê se entendermos que toda literatura é, em última instância, máquina de significação.

Em consonância com tal abordagem, abrimos essa seção com o artigo “O controverso legado cabralino em alguns poetas brasileiros contemporâneos”, de Solange Fiuza Cardoso Yokozawa, que analisa a relação entre o “poeta arquiteto” e escritores como Augusto de



Campos, Armando Freitas Filho e Eucanaã Ferraz. Para tanto, a autora se vale da análise de entrevistas e metapoemas que evidenciam “uma relação controversa entre esses poetas e o autor de *A educação pela pedra*”, ou entre os contemporâneos e a tradição.

Também entendendo todo texto como máquina semiótica, apresentamos o artigo “Antonio Vieira e o gênero ensaístico: uma abordagem do Sermão da Sexagésima”, de Tatiana Maria Gandelman de Freitas. A argumentação da autora se volta para o gênero ensaístico no Brasil colonial, abordando a construção de autoria em textos eclesiásticos em uma sociedade anterior ao Romantismo do século XIX – ponto de virada na perspectiva sobre a relação entre autor e texto. Como parte dessa discussão, o artigo mapeia o *modus operandi* do sistema retórico seiscentista como mecanismo de controle no Brasil e em Portugal.

Na contramão dos discursos sobre opressão e poderio, os três últimos artigos da seção **Outros Lugares** tratam de espaços subversivos no literário por meio do fantástico, do maravilhoso e do inconsciente. Em “Fantástico contemporâneo e imaginário religioso em *Pedra canga*, de Tereza Albues”, escrito por Luzia Aparecida Oliva dos Santos e Rosana de Barros Varela, as autoras analisam o romance da ficcionista mato-grossense em busca de elementos temáticos concernentes à oposição entre sagrado e profano, em uma trama ambientada à beira do Pantanal e suas misteriosas águas. Para a análise da obra, as autoras baseiam-se em duas acepções do fantástico: a tradicional, descrita por Todorov, e a contemporânea, discutida por Sartre.

O fantástico também comparece nas discussões propostas por Adriana Carolina Hipólito de Assis e Marcos Jose Müller em “Once upon a time em *Do amor e outros demônios*, de Gabriel García Márquez”. No artigo, os autores discutem, sob referencial psicanalítico, palimpsestos de contos de fadas ou de entorno à infância no romance do autor colombiano, em que, “assim como a ficção se estrutura como um deslocamento onírico do real, o inconsciente irá também comparecer como ficção, como letra”.

Encerrando a seção **Outros Lugares**, o artigo “A hora do despertar em Clarice Lispector”, de Rosália Maria Mafra Oliveira e Eliana Rigotto Lazzarini, versa sobre o romance *A paixão segundo G.H.*, enfocando, também sob perspectiva psicanalítica, a função criativa da palavra literária e a experiência de destituição subjetiva rumo a um despertar para o real. Em sua análise, as autoras destacam a condição da palavra artística enquanto silêncio, vazio, desorientação, dissolução, deseroização e morte, na qual culmina o desaparecimento do sujeito da linguagem.

Por fim, agradecemos aos autores dos artigos e à nossa entrevistada pelas brilhantes contribuições à *Polifonia* e às discussões ensejadas neste volume. Desejamos a todos uma boa leitura e que as discussões propostas fomentem novas pesquisas na área de Estudos Literários.

Vinícius Carvalho Pereira  
Organizador